

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO EM  
HISTÓRIA

DAVÍ LOPES PEREIRA

HANDEL E AS ORATÓRIAS INGLÊSAS NO SÉCULO XVIII E O MESSIAS  
EM DESTAQUE

Goiânia - 2016  
DAVÍ LOPES PEREIRA

## HANDEL E AS ORATÓRIAS INGLÊSAS NO SÉCULO XVIII E O MESSIAS EM DESTAQUE

Artigo apresentado como trabalho final para a obtenção de nota da disciplina Tradições Culturais e Patrimônio. Linha de Concentração: Cultura e Poder, do Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC. Professoras: Dr<sup>a</sup> Thaís Alves Marinho e Dr<sup>a</sup> Sibebe Aparecida Viana.

GOIÂNIA - 2016

HANDEL E AS ORATÓRIAS INGLÊSAS NO SÉCULO XVIII E O MESSIAS EM  
DESTAQUE

Daví Lopes Pereira

Mestrando em História- Universidade Católica de Goiás – PUC

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de estudo sobre o gênero oratória, tendo Handel como um dos seus compositores principais e sua prática no período Barroco na Inglaterra em especial na cidade de Londres. Os oratórios de Handel refletem acontecimentos sociais de seu tempo, como as guerras, o progresso da cultura, a atuação da família real, viradas políticas e questões morais. Também meditam sobre a ideia de religião de seu tempo, uma vez em sua maioria são de tema sacro sendo o Oratório Messias o mais conhecido da humanidade, tornando sua apresentação uma tradição na época da Páscoa, Natal e outros eventos que assim o requer tornando-o um patrimônio da humanidade que aprecia música de qualidade.

Palavras- chave: oratório, Handel, Barroco, Messias, tradição, humanidade, patrimônio.

Ouvir uma música de Handel é uma experiência de poesias, sentidos, sensações e emoções. Handel é indescritível. Mas o grande momento de Handel foi a composição do oratório do “Messias”, uma peça para coro e Orquestra que usava passagens da Bíblia para descrever Jesus, desde as profecias que anunciaram sua chegada, sua vida e obra, sua morte na cruz e sua ressurreição. Dentro deste oratório encontramos o famoso

“Halleluiah” de Handel que é a obra clássica mais conhecida em todo o mundo. Mas vejamos a origem deste gênero musical que é a oratória e a história que envolve a composição da peça Messias que é algo impressionante.

Este gênero nasceu na Itália, de diálogos sagrados que nada mais eram que conformações de passagens bíblicas transcritas para o latim. Eles eram tecidos por meio de uma narração intensa, permeada por uma carga dramática e pelos poucos diálogos entre os personagens dos temas abordados pelos autores.

O oratório surgiu a partir da Lauda que é um drama litúrgico que evocava cenas bíblicas que se referiam à representação dos dramas da Paixão, da Ressurreição e da Natividade. Assim,

representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.[...] A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie, mas uma construção feita dele (PESAVENTO,2014,p.40)

O oratório é uma espécie de obra musical não somente instrumental, mas fundamentalmente cantada. Seu teor é essencialmente narrativo. “Ora, uma narrativa é o relato de uma sequência de ações encadeadas [...] do que aconteceu” (PESAVENTO, 2014, p.49). Nessa composição interagem cantores que executam solos vocais, vozes em coro e uma orquestra. Este gênero é similar à ópera, tanto que tange às categorias que dele participam, quanto na utilização de árias e recitativos, mas enquanto criações operísticas são apresentadas principalmente através do viés interpretativo, esta modalidade não exige encenações dramáticas.

Este gênero pode ter como tema a esfera espiritual ou questões mundanas; normalmente, porém, as questões enfocadas no oratório são extraídas das Escrituras Sagradas. Esta expressão provém da Congregação do Oratório, atualmente conhecida como Confederação do Oratório, uma comunidade de apóstolos criada em 1565, na cidade de Roma, por São Filipe Néri. Aí eram produzidos espetáculos de música sacra, no período que transcorreu de 1571 a 1594.

A musicalidade exercitada nesta sociedade deu impulso ao nascimento dos oratórios na forma como são produzidos nos dias atuais. A primeira temática abordada por eles foi a Paixão de Cristo, que ainda hoje é o tema dileto de seus criadores. A obra clássica neste gênero é, sem dúvida, a Paixão segundo São Mateus, de Johan Sebastian Bach.

Em meados do século XVII os oratórios de temática religiosa passaram por um processo de secularização. Prova desta inclinação contextual são as constantes execuções em recintos laicos, mas particularmente nos espaços cortesões e em teatros públicos. Eles eram elaborados em torno de questões como a Criação, a trajetória de Jesus, a jornada de um herói clássico ou profetas da Bíblia. Desta forma:

as construções narrativas da História são refigurações de uma experiência temporal. O que o historiador (aqui o compositor) pretende é reconstruir o passado, para satisfazer o pacto de verdade que estabeleceu com o leitor (aqui público-alvo ouvinte), mas o que constrói pela narrativa é um terceiro tempo, situado nem no passado do acontecido nem no presente da escritura. Esse tempo histórico é uma invenção/ficção do historiador (compositor), que, por meio de uma intriga, refigura imaginariamente o passado. Mas sua narrativa almeja ocupar o lugar deste passado, substituindo-o. É, pois, representação que organiza os traços deixados pelo passado e se propõe como sendo a verdade do acontecido. (PESAVENTO, 2014, p.50).

A maior parte dos produtores de oratórios eram igualmente famosos por suas criações operísticas. Adotando o hábito desenvolvido na elaboração das óperas, eles passaram a editar libretos também para este gênero musical.

Libreto, do italiano *libretto*, que significa literalmente livrinho. É o texto usado em uma peça musical do tipo ópera, opereta, musical e cantata. Ele inclui tanto as palavras das partes cantadas quanto das faladas e é diferente de uma sinopse ou do roteiro da trama de peça. O autor de um libreto é chamado libretista.

Assim que os coros foram reduzidos, ele começaram a investir nas árias e também nas cantoras, que passaram a desempenhar o papel masculino nos recitais. Monteverdi é o responsável pelo primeiro oratório de natureza profana, *Il Combattimento di Tancredi e Clorinda*.

O oratório foi cultivado com maior ênfase na era Barroca; neste período os autores mais célebres são Georg Friedrich Handel que compôs o *Messiah* e *Judas Maccabeus*, além de obras seculares; Johann Sebastian Bach, autor das *paixões*; e Vivaldi que se consagrou com *Juditha Triumphans*. Na fase clássica destacou-se Franz Joseph Haydn, com *As Estações*. No Romantismo esta modalidade teve um papel secundário, mesmo assim não se pode esquecer de *A Infância de Cristo*, de Hector Berlioz.

O compositor que se destacou com o gênero oratório foi Georg Friedrich Handel que nasceu no dia 23 de fevereiro de 1685 em Halle na Alemanha e faleceu em 14 de abril de 1759 em Londres na Inglaterra. Foi um celebre compositor germânico, naturalizado

cidadão britânico em 1726. Desde cedo mostrou notável talento musical, e a despeito da oposição de seu pai, que o queria advogado, conseguiu receber um treinamento qualificado na arte da música. Quando menino, Handel participava dos cultos na Igreja Luterana da qual a família fazia parte, onde seu avô era pastor. Não se sabe ao certo quando começou a estudar teclado. Certa vez quando Handel teve a oportunidade de tocar o poslúdio em um culto, o Duque da Prússia ficou impressionado ao ver que um menino de oito anos, neto do pastor tocava com tanta facilidade e conhecimento do teclado, e logo encorajou o pai de Handel a permitir que seu filho se dedicasse ao estudo da música. O Duque se dispôs a pagar os estudos de Handel e o enviou para o maior mestre na época na Alemanha. A primeira parte da sua carreira foi passada em Hamburgo, como violinista e maestro da orquestra da ópera local. Depois dirigiu-se para a Itália, onde conheceu a fama pela primeira vez, estrelando várias obras com grande sucesso e entrando em contato com músicos importantes. Em seguida foi indicado mestre de capela do Eleitor de Hanôver, mas pouco trabalhou para ele, e esteve na maior parte do tempo ausente, em Londres. Seu patrão mais tarde se tornou rei da Grã-Bretanha como Jorge I, para quem continuou compondo. Fixou-se definitivamente em Londres, e ali desenvolveu a parte mais importante de sua carreira, como autor de ópera, oratórios e música instrumental. Quando adquiriu cidadania britânica adotou o nome George Friederic Handel.

Falando do seu estilo geral, Romain Rolland<sup>1</sup> disse que

nenhum outro músico é tão difícil de incluir nos limites de uma definição, ou mesmo dentro de várias, do que Handel... Ele não é um daqueles que impõem sobre a vida e a arte um idealismo voluntário, seja violento ou pacífico; nem é daqueles que escrevem a fórmula de sua campanha no livro da vida. Ele é do tipo que bebe da vida universal, e a assimila a si mesmo. Sua vontade artística é essencialmente objetiva. Seu gênio se adapta a milhares de imagens de eventos passageiros, às nações, aos tempos em que viveu, e mesmo às modas de seus dias. Ele se acomoda às várias influências, ignorando todos os obstáculos. Ele pondera outros estilos e outros pensamentos, mas tamanho é o poder de assimilação e o equilíbrio de sua natureza que ele jamais submerge ou se sobrecarrega pela massa dos elementos estranhos. Tudo é devidamente absorvido, controlado e classificado. Esta alma imensa é como o mar, onde todos os rios do mundo se derramam sem que perca sua serenidade.

O oratório foi um gênero que Handel consolidou na Inglaterra a partir da tradição dos *anthems* (hinos), textos sacros postos em música com solos e coros usados no culto anglicano, que ele havia trabalhado no início da sua carreira inglesa com ótimos

---

1 (1866-1944) foi um novelista, biógrafo e músico francês. Recebeu o Nobel de Literatura de 1915.

resultados, como se percebe nos *Chandos Anthems* e em vários outros. Sua estrutura e escala eram bastantes semelhantes aos oratórios que ele desenvolveu mais tarde, introduzindo um dramatismo e pujança que os *anthems* desconheciam e dando-lhes independência da liturgia. Mas as motivações de Handel para se dedicar ao gênero não são claras.

É possível que fosse uma tentativa de contornar a proibição de música operística durante a Quaresma, mas representação de drama sacros faziam parte também de uma tradição de educação moral e religiosa estabelecida por Racine entre famílias ricas e piedosas na França. Os oratórios são significativamente mais coesos em termos dramáticos do que as óperas, em parte pela colaboração com Charles Jennens, um grande libretista, pela maior participação do coro – em alguns, como *Israel in Egypt*, o coro predomina – e pela dissolução dos limites rígidos entre ária e recitativo, com uma orquestração mais rica para estes últimos, que tendem a ser breves, e o emprego de ariosos, uma forma intermediária entre os dois. Ele também pôde explorar a representação das emoções com uma liberdade muito maior do que em suas óperas de forma mais acessível para o público, sendo cantadas em inglês, e mesmo em questões de pura forma os seus oratórios são mais livres e apresentam soluções mais imprevisíveis. Assim, “as sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. [...] Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos” (PESAVENTO, 2014, p. 56-57).

Lang<sup>2</sup> sugeriu que com seus oratórios Handel fez muito pela renovação da própria ópera na direção proposta por Gluck<sup>3</sup>, e Schering<sup>4</sup> chegou a dizer que se alguém comparar *Theodora* (1750) de Handel com a ópera *Orfeu e Eurídice* (1762) de Gluck, não hesitará em atribuir à obra de Handel tudo – e quiçá mais - do que tem sido atribuído ao mestre mais jovem. É sabido que Gluck nutria uma enorme admiração pelo colega mais velho, e que tinha sua obra como uma referência central.

Além de suas qualidades eminentemente musicais e expressivas, seus oratórios possuem conotações extra- musicais; muitos, através de alusões de seu tempo, como as

2 Paul Henry Lang (1901 – 1991) foi musicólogo, fagotista, professor e crítico musical de Hungria.

3 Christoph Willibald Gluck (1714-1787) foi compositor musical alemão. Foi responsável pela “segunda reforma da ópera.

4 Arnold Schering (1877-1941) foi um musicólogo e violinista alemão.

guerras, o progresso da cultura, a atuação da família real, viradas políticas e questões morais, como por exemplo a ligação de *Deborah e Judas Maccabeus* respectivamente aos sucessos do Duque de Malborough e à revolta jacobita; a de *Japhtha* ao patriotismo e à posição política do Príncipe de Gales; o *Hércules*, inserido na discussão filosófica que corria acerca do prazer, da verdade, e o *David*, como uma lamentação sobre os atritos do Rei com o Príncipe de Gales.

Também meditam sobre a ideia de religião de seu tempo, uma vez que em sua maioria são de tema sacro, considerando que a religião exercia grande influência na vida de todos e o púlpito em seu tempo era um dos locais privilegiados para o debate político, social e cultural. Tais reverberações de significado, que forma seguramente um dado essencial para seu crescente sucesso entre o público da época, dando-lhes uma pertinência única àquele cotidiano, somente há pouco tempo têm sido explorado pela crítica.

E quanto a composição do *Messias*, Handel tinha chegado à Inglaterra em 1711 e durante muito tempo viveu uma época de muito sucesso, mas por volta de 1740, ele estava falido, havia se dedicado a compor óperas e elas estavam saindo de moda, também havia participado da organização de ópera “Real Academia de Música”, mas esta faliu e o arrastou para a ruína financeira.

No auge ele havia participado da alta sociedade londrina, mas após sua derrocada passou a ser caçado pelos credores.

Doente, cansado, e sem esperanças Handel foi para Chester, no oeste da Inglaterra. Lá passou a pensar na vida, já com 58 anos, sem perspectivas, era alemão vivendo em território inglês sofria com problemas de preconceito por ser estrangeiro, endividado, abandonado; realmente o cenário para ele era muito ruim.

Neste momento, Handel se volta para Deus. Ele sempre foi crente protestante. Contudo nos anos de fama Handel andou longe de Deus e, em meio aquela profunda crise e necessidade ele clamou pelo socorro do seu Deus. Ele sabia que com sua idade se reerguer na música seria quase impossível, mas ele acreditava em Deus e passou a orar pedindo uma nova chance para reerguer sua vida.

Neste momento acontecem dois fatos que culminam na composição do “*Messias*”. O primeiro foi a visita que Handel recebeu do Lord Lieutenant da Irlanda, o Duque de Devonshire, o Sr. Willian Cavendish.



Na época, a Inglaterra dominava a Irlanda, e o Lord Cavendish representava os interesses da coroa inglesa na Irlanda, mas apesar do seu posto, o Duque era um bom cristão, era a época que a fome assolava a Irlanda e o Duque tentava apoiar a população carente; ele cuidava de uma das três entidades beneficentes em Dublin e um hospital para crianças.

O Duque queria que Handel preparasse um recital sacro, mas ele seria apresentado num teatro e não numa igreja, pois a ideia era arrecadar recursos para ajudar a sustentar aquele hospital que atendia pessoas carentes.

Na ocasião, o Duque deu dinheiro para Handel custear a composição da peça, e aquela ajuda foi fundamental para que Handel conseguisse pagar algumas dívidas.

Handel obviamente entendeu que a visita do Duque era a resposta de suas orações, mas agora tinha outro desafio, compor algo extraordinário para atender o Duque.

Ele se angustiou, sabia que teria a chance de cooperar com um nobre, e isso poderia reerguer sua carreira, mas em meio a tantos problemas, onde arrumar inspiração para compor esta obra? O prazo era curto e ele teria muita dificuldade para compor uma peça que pudesse apresentar em Dublin.

Foi então que aconteceu o segundo evento que resultou na composição do “Messias”.

Handel recebeu um pacote de um homem chamado Charles Jennens, e este pacote era algo tão extraordinário que só mesmo em recebê-lo, Handel foi tomado de assombro, tamanho o fato sobrenatural que ele representava.

Charles Jennens era um admirador da música de Handel, ele também era um crente muito fiel e profundo conhecedor da Bíblia. Ele já havia ajudado Handel selecionando passagens da Bíblia quando Handel compôs a obra “Israel no Egito”, em 1739.

Agora cinco anos depois, Jennens havia selecionando textos bíblicos e queria que Handel fizesse um oratório como ele e que contasse a história de Jesus através da Bíblia, musicalizando as passagens bíblicas que ele havia selecionando.

Conta-se que Jennens enviou um pacote para Handel através de um portador até a cidade de Chester, era o pacote com anotações das passagens bíblicas feitas de próprio punho, mas Handel estava tão preocupado com tantos problemas, e sendo constantemente procurado por credores, que recebeu muito mal o homem enviado por Jennens, julgando que fosse outro credor; então a princípio ele não demonstrou interesse

pelo pacote mesmo assim recebeu o pacote.

Quando Handel leu o que estava escrito no pacote, tomou um susto. Por fora do pacote, estava escrito “Um oratório espiritual”. Assim que abriu havia uma carta de Charles Jennens e na carta aquele homem dizia: “O Senhor Deus me encarregou de entregar-te”.

Handel ficou assombrado com o agir de Deus, primeiro o Duque encomenda uma peça musical, agora Jennens sem aviso algum manda para ele estes versos bíblicos. Ele havia pedido uma nova chance e Deus estava atendendo o seu clamor. Imediatamente ele foi folheando o texto verificando os versos que Jennens havia selecionado.

Logo após um parágrafo um verso chamou-lhe a atenção: “Desprezado e descartado pelos homens,... foi menosprezado e não o estimamos.” Handel continuou lendo: “Ele confiou em Deus... Deus não abandonou sua alma... Ele te dará descanso...”

Para Handel, que vivia um momento de extrema dificuldade estas palavras se enchiam de conteúdo e de sentido para a sua própria vida, nos textos separados por Jennens ele pode se ver. No sofrimento de Cristo, ele viu seu próprio sofrimento, na vitória de Cristo ele via sua própria vitória, foi quando ele leu: “Eu sei que meu Redentor vive... alegra-te,... Aleluia!”, começou a vibrar na cabeça de Handel.

Imediatamente Handel se trancou onde estava hospedado em Chester, com os versos bíblicos selecionados por Jennens e começou a compor o “Oratório Messias”. Foram ao todo 24 dias ininterruptos, trancado em casa, compondo sem parar, não comia e não descansava, ficava andando de um lado para outro cantarolando. Às vezes dava uma parada e começava a clamar a Deus por inspiração.

Conta-se que nos últimos três dias ele havia colocado para fora o homem que o ajudava cuidando da casa, três dias depois aquele homem com medo achando que Handel podia ter passado mal por estar tanto tempo sem alimentar direito, foi até a polícia e junto com um guarda, arrombaram a porta do lugar onde Handel estava pensando e que podia estar até mesmo morto. Foi quando, eles se depararam com a cena de Handel sentado numa mesa com intocáveis partituras, chorando copiosamente, dizendo que num momento de profunda introspecção enquanto compunha partes do oratório ele começou a ouvir seres celestiais cantando, é quando ele se vira para seu funcionário ainda chorando muito e afirma: “Eu acredito ter visto o próprio Deus”.

Logicamente os céticos dizem que Handel estava tendo era um transe por ter ficado

sem se alimentar em meio de um frenesi, compondo o oratório. Cada um interpreta como crê. Assim Handel concluiu o oratório para coro e orquestra, com mais de duas horas de duração, apenas em 24 dias, compondo, ininterruptamente. Handel então foi para Dublin e lá procurou uma Igreja Anglicana, pediu para o pastor que lhe emprestasse o coro da igreja, era 60 vozes e imediatamente começou a ensaiá-los.

Finalmente no dia 13 de abril de 1742, o oratório “Messias” estreou . Era a Páscoa e o sucesso foi absoluto. Conta-se que as pessoas saíram do teatro profundamente emocionadas, alguns aos prantos, outros prometendo se reconciliar com Deus. Uma curiosidade foi que nos dias seguintes várias pessoas foram soltas das prisões de Dublin, pessoas foram às autoridades retirar as queixas contra seus malfeitores e vários encarcerados foram soltos.

Foram duas apresentações em Dublin absolutamente lotadas, e o Duque se alegrou muito porque o recurso arrecadado foi muito além da expectativa e garantiria ótima saúde financeira para o hospital sustentado por ele.

Quando Handel voltou para Londres os boatos do que tinha ocorrido em Dublin corriam por toda a cidade. Alguns líderes religiosos criticaram Handel e o Duque porque para eles era errado uma música sacra sendo apresentado num teatro para arrecadar fundos, mesmo que fosse para um hospital, mas o Rei George II se interessou em ouvir o “Oratório Messias”, então os críticos se calaram e o oratório foi apresentado em Londres, primeiro num teatro, e depois na Abadia.

Novamente o mesmo impacto, só que agora na capital, Londres foi abalada com a imensa espiritualidade da música, e quando a orquestra e o coro começaram a cantar “Halleluiah” o Rei George se pôs de pé. Perguntaram se ele estava cansado, mas ele disse que era a reverência ao rei maior de todos que estava sendo exaltado naquele momento. Até hoje quando o oratório é apresentado em nações protestantes históricas, quando chega o “Halleluiah” as pessoas se levantam repetindo o gesto do Rei George II.

O oratório “Messias” mudou a vida de Handel, ele deu a volta por cima e tornou-se o músico mais querido da Inglaterra. Era o músico preferido do rei e de toda a corte, recebeu a cidadania inglesa, pagou suas dívidas, foi coroado de honrarias, sua música, viajou o mundo, e se tornou o maior compositor de todos os tempos, mesmo já velho para os padrões da época. Readquiriu sua fama e poderia ter enriquecido mas depois de pagar as suas dívidas, ele optou por não acumular riquezas, doava quase todo o dinheiro para

instituições de caridade, e sistematicamente compunha obras para arrecadar recursos para a caridade.

O Messias realmente mudou vida dele, não apenas porque levantou sua carreira, mas ele se tornou uma pessoa diferente, não podia ser mais o mesmo homem depois de ver Deus.

Na Semana Santa de 1759, em Londres aos 74 anos, Handel apresentou o “Messias” pela última vez no culto de páscoa na presença do Rei e de toda sua corte, ao final da apresentação sentiu-se mal e foi levado para casa, adormeceu e faleceu enquanto dormia. Seu corpo foi levado para a Abadia de Westminster e foi velado por milhares e milhares de londrinos que foram dar o último adeus ao maior gênio da música de todos os tempos. Tudo a respeito de Handel foi absolutamente envolto numa presença espiritual divina, até o sermão fúnebre do Bispo Zachary Pearce foi tocante e levou as mais de três mil pessoas presentes a uma profunda comoção.

No seu testamento doou quase todo os seus bens para a “Foundling Hospital”, uma entidade que atendia crianças carentes e da qual Handel foi diretor a partir de 1749 até a sua morte em 1759, deixou mais de mil libras para este Hospital, um valor altíssimo para a época. Seu bem mais precioso, ele também doou para este Hospital, eram as partituras escritas a mão do “Messias” escritas quando ele teve visões do próprio criador.

Essas partituras do oratório “Messias” é hoje um patrimônio cultural e artístico do povo inglês e de toda a comunidade que aprecia música de qualidade devido a sua “ressonância” junto a seu público.

José Reginaldo Santos Rodrigues (2005) faz uso dessa noção, tal como o historiador Stephen Greenblatt. Diz ele:

Por *ressonância* eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. (Greenblatt, 1991, p. 42-56, grifo do autor, tradução minha)

As apresentações do oratório “Messias” não é segundo Eric Hosbsbawm (1984), uma tradição inventada, mas uma “tradição” porque não se modifica, acrescenta ou se adapta nada para servir a novos propósitos nacionais, mas mantêm-se fiel à tradição de seu caráter sacro original que emociona, sensibiliza e toca fundo a alma dos que o ouvem pela primeira vez e assim sucessivamente quantas vezes se tenha a oportunidade de

ouvi-lo.

A apresentação do oratório “Messias” é uma tradição a nível local, regional, nacional e internacional, realizada sazonal ou anualmente em lugares próprios às realizações de sua performance podendo tornar-se conhecida do grande público através de um meio moderno de comunicação de massa como rádio, televisão, etc.

Assim ele se foi, e finalmente ele pode encontrar pessoalmente com o Messias para quem ele havia escrito seu oratório.